

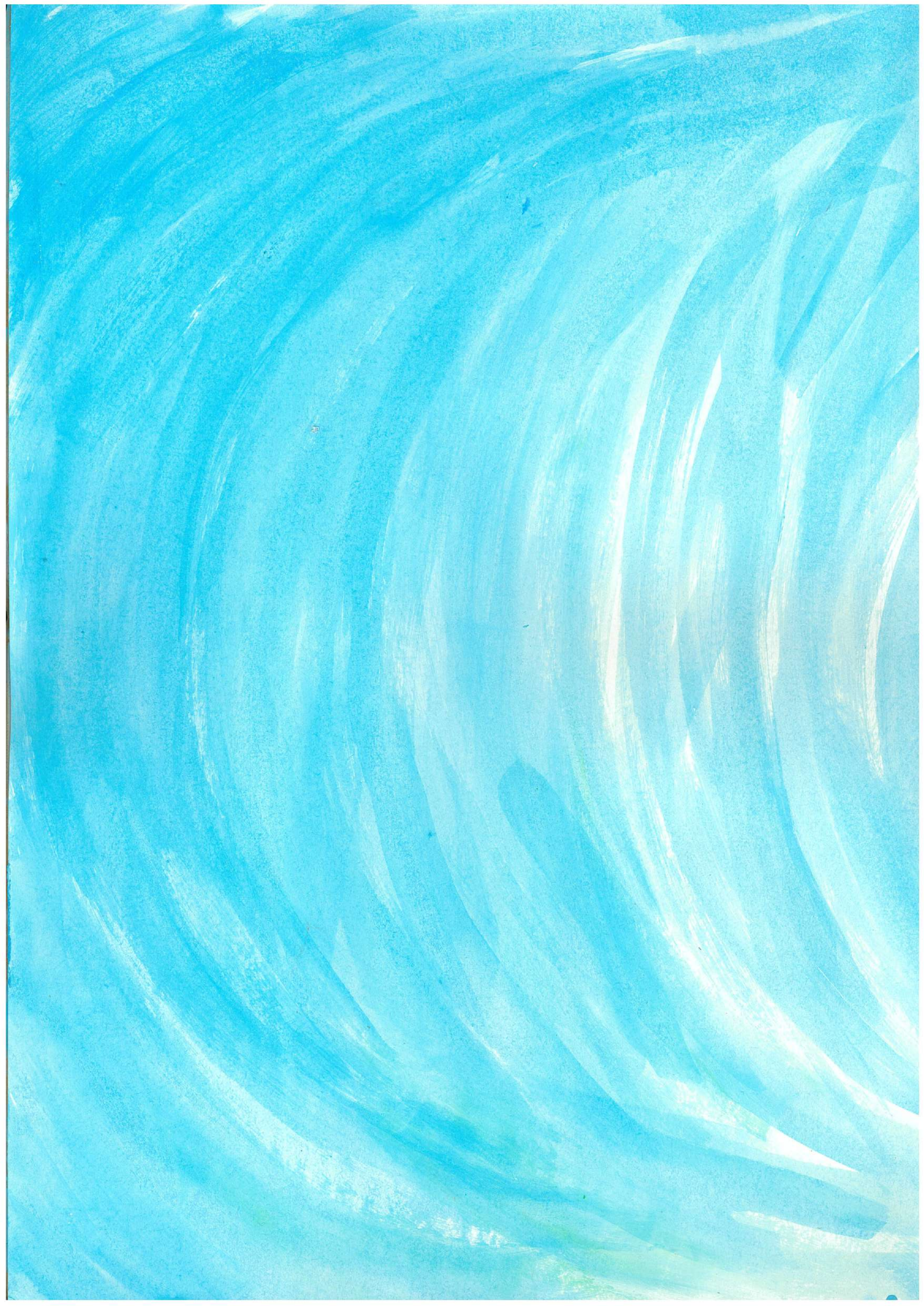


Histórias

do

Bosque Azul





Histórias do Bosque Azul

Julho de 2025



instalações pedagógicas caducas

Este livro cartonado em formato de harmônio foi criado como memória artística do encontro "Educação, Cidadania e Democracia," que teve lugar a 7 de maio de 2025 na Colabora, Covilhã.

Através do diálogo, da leitura de poemas e de canções, da criação de imagens (desenhos, recortes, colagens), partilhámos as luzes e sombras que experimentámos na vivência da democracia e cidadania em contexto educativo - metodologias, relações estabelecidas, contextos de aprendizagem onde encontramos ou buscamos esperança.

Que metodologias para criar relações diferentes entre aprendentes, para dar verdadeiramente voz a todos e todas, para dar espaço de autonomia fecunda e criativa nas escolas, para valorizar a diversidade em lugar do ressentimento ou medo do diferente?

Como usar linguagens outras que verbais, que nos tocam e abrem a novos olhares e formas de sentir o mundo?

Como viver processos que não controlamos, cujos resultados não vemos ou conhecemos, e promover a experiência de outro ritmo, mais ecológico, mais humano?

Como fomentar a colaboração, potenciar as relações de confiança, tornar a amizade e a partilha o centro da motivação e da ação?

Como contribuir para que, a nível pessoal, coletivo, político, se desenvolva confiança no que podemos alcançar em conjunto, confiança nas instituições, na democracia?

Como sermos "escolas em saída", como fomentar o trabalho em rede, numa verdadeira comunidade educativa, comprometida e envolvida na transformação do seu território, da sociedade?

As luzes e sombras que fomos nomeando, desenhando, entoando, formam a matéria bruta que deu vida a novas histórias, novas imagens, que já não falam apenas das experiências partilhadas entre nós.

As histórias foram imaginadas no mundo dos animais e das plantas, que nos ensinam a pensar fora dum paradigma antropocêntrico e a pensar novas formas.

Um canto de pássaro foi fio condutor entre os três contos. É a partir da dor que ele canta. É a partir do seu rasgão que brota o canto e "entra a luz"*. Foi a partir dessa ferida aberta no peito do pássaro sabia que, em cada conto do Bosque Azul, a folha se rasga ~~...~~, e algo de novo se deixava entrever.

O que gera um olhar de esperança e permite que se revele a luz que brilha, não aquece, não ilumina, mas brilha "aqui no meio de nós".

* "there is a crack in everything, that's how the light gets in", Leonard Cohen).

Na minha cidade, nos domingos de tarde,
As pessoas se põem na sombra com faca e laranjas.

Tomam a fresca e riem do rapaz da bicicleta,
A campainha desatada, o ar infestado de laranjas:

"Eh bobagem!"

Dáqui a muito progresso tecno-ilógico,
quando for impossível detetar o domingo
pelo sumo de laranjas no ar e bicicletas

em meu país de memória e sentimento,

Basta fechar os olhos:

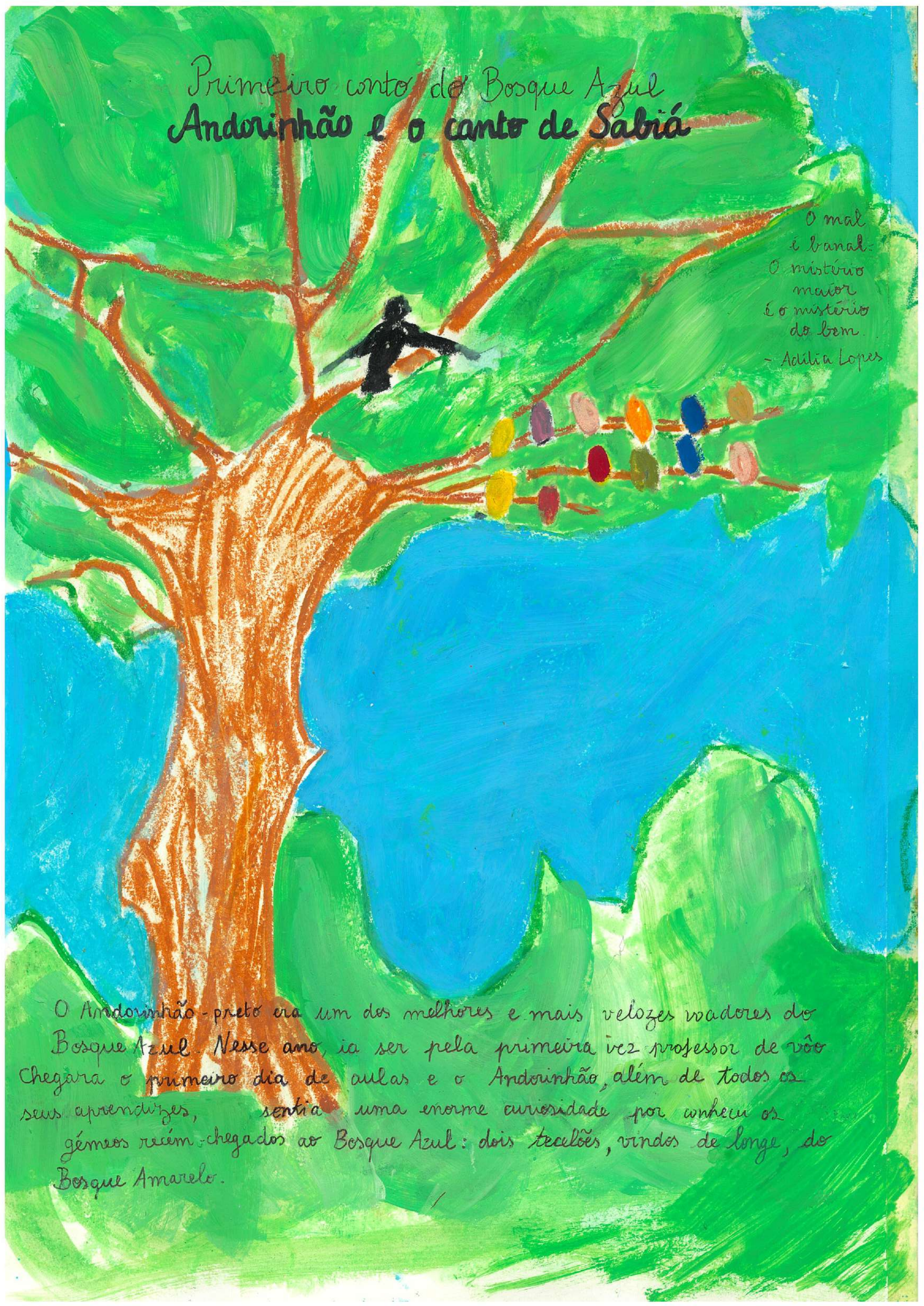
é domingo, é domingo, é domingo.

("Para comer depois", Adélia Prado)

Segue o QR-código ao lado e explora a memória narrativa deste encontro.

Agradecemos a quem nos ajudou a tornar esta edição possível:

Camões, Instituto da Cooperação e da Língua
Reitoria da Universidade do Porto.



Primeiro conto do Bosque Azul Andorinhão e o canto de Sabiá

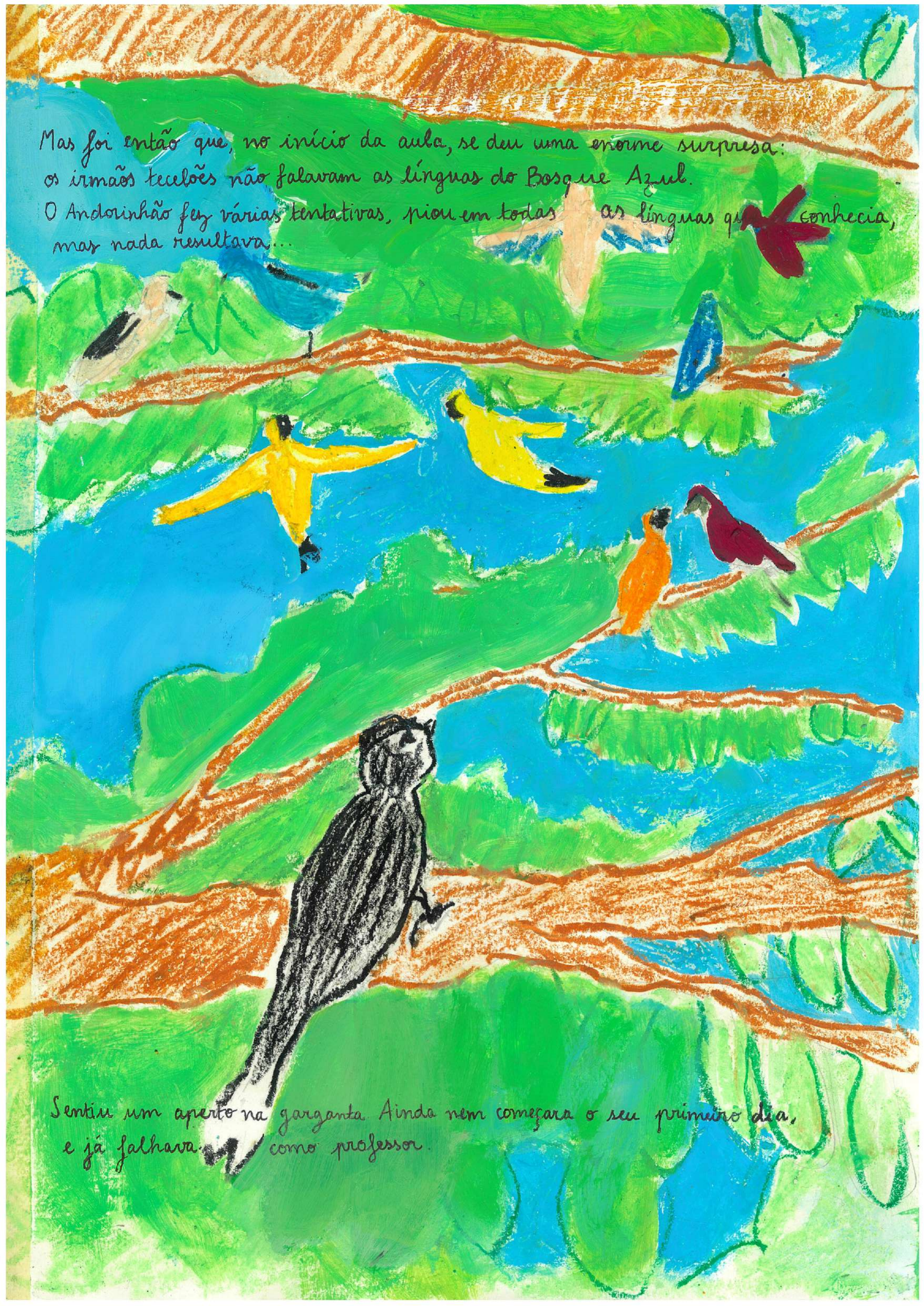
O mal
é banal.
O mistério
maior
é o mistério
do bem.
- Adília Lopes

O Andorinhão - preto era um dos melhores e mais velozes voadores do Bosque Azul. Nesse ano, ia ser pela primeira vez professor de voo. Chegara o primeiro dia de aulas e o Andorinhão, além de todos os seus aprendizes, sentia uma enorme curiosidade por conhecer os gémeos recém-chegados ao Bosque Azul: dois tecelões, vindos de longe, do Bosque Amarelo.

Mas foi então que, no início da aula, se deu uma enorme surpresa:
os irmãos tecelões não falavam as línguas do Bosque Azul.

O Andorinhão fez várias tentativas, piou em todas as línguas que conhecia,
mas nada resultava...

Sentiu um aperto na garganta. Ainda nem começara o seu primeiro dia,
e já falhava... como professor.



Despediu-se dos passarinhos e partiu, disparado, a voar: ia procurar ajuda ao Bosque Amarelo. O caminho era longo, mas, com o seu melhor vôo, num só dia e numa só noite, o Andorinhão conseguiria ir e voltar.

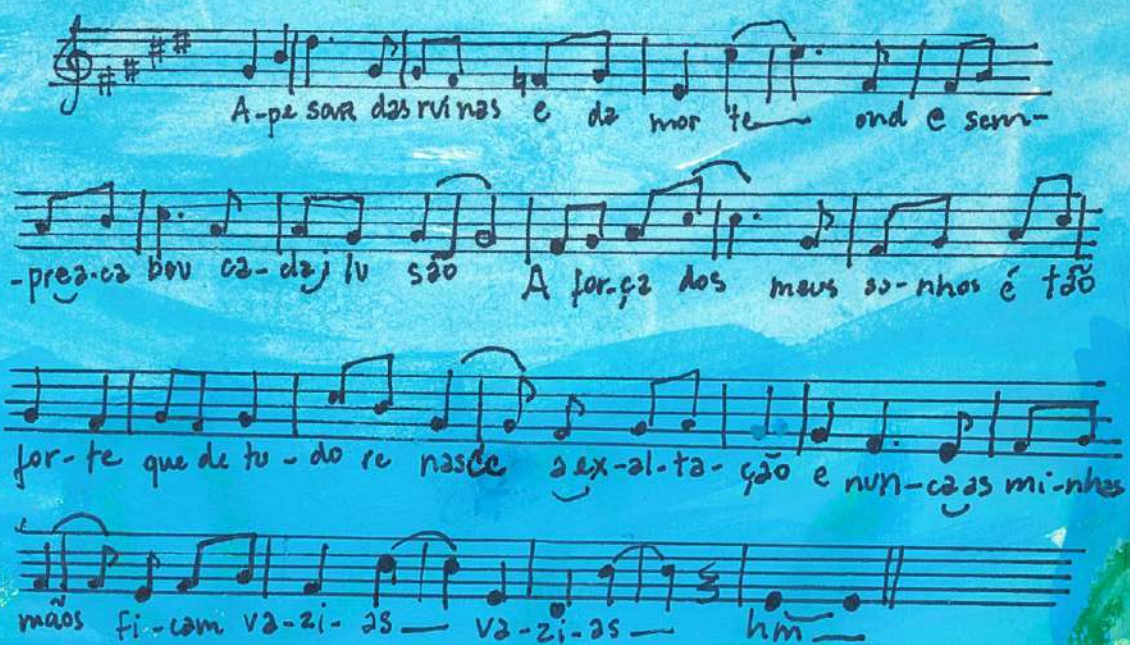


No dia seguinte, o pássaro Sabiá, amigo de infância do Andorinhão decidira visitar a aula de voo. Acabara de pousar num alto ramo, quando viu chegar o Andorinhão, vindo de longe. Trazia um olhar triste e cansado.



Após aterrar, o Andorinhão chamou os jovens aprendizes para lhes anunciar. Ninguém no Bosque Amarelo poderia ajudar. Pediu desculpa a todos e explicou que teriam de se despedir dos recém-chegados tecelões.

Vendo esta triste cena, um grande
flacgão cresceu no peito do Sabiá.
E, como sempre que sentia uma dor
assim, começou a cantar, a cantar,
a cantar...



E o seu canto ressoou por todo o Bosque Azul.

Ouvindo o canto, o Andorinhão preto, comovido, olhava para os jovens passarinhos.

Todos eles envoaçavam - melhor do que nunca - para recolher palhinhas, ramos, e folhas, de todas as cores e tamanhos. Entregavam-nas aos irmãos tecelões, que construíam um ninho com cuidado.

E foi então que viu...



Não era um simples ninho.

Era um mapa, com colinas, charcos, riachos, que o Andorinhão reconhecia muito bem: era o mapa do Bosque Amarelo.

Olhou em volta e viu muitos outros ninhos com formas de animais, de lugares, de alimentos que existiam no Bosque Amarelo.



O Andorinhão estava realmente surpreso. Perguntou-lhes como tinham descoberto aquela forma de comunicar; de, sem som, os teulões mostrarem quem eram, como era o lugar de onde vêm.

Depois de partires, começamos a brincar juntos e fomos procurando e encontrando formas de nos entendermos. A certa altura, os teulões começaram a teur um ninho que representava a árvore em que viviam no Bosque Amarelo. Era tão diferente, tão interessante, que lhes pedimos que continuassem a nos mostrar como era a vida deles no Bosque Amarelo. Distraímos-nos até que anoiteceu...! Já não podíamos ir para casa. Mas não tememos: estaremos juntos.

E o Andorinhão percebeu que mais do que qualquer língua ou tradução, seria a amizade e a relação que melhor ajudaria os seus aprendizes a crescer e voar!

Pequeno GLOSSÁRIO

O andorinhão comum é capaz de voar por até 10 meses consecutivos sem pousar, pousando apenas por 2 meses no ano durante a temporada de reprodução.

Alimentam-se de insetos que encontram no ar, o que lhes proporciona a energia necessária para continuar o seu voo prolongado sem terem de parar para comer.

O andorinhão-preto não é o símbolo oficial da Corilã, mas é uma ave comum na região e está associada à identidade local devido à sua presença marcante e hábitos migratórios.



O sabiá-laranjeira é uma ave comum na América do Sul. É especialmente apreciado no Brasil, sendo um símbolo nacional, e é várias vezes citado por poetas como o pássaro que canta o amor e a primavera.

É o mais conhecido de todos os sabiás identificado pela cor de ferrugem do ventre, e, durante o período reprodutivo, pelo seu canto melódico, cuja frase principal tem de 10 a 15 notas, além de poder assimilar trechos de outras aves. O seu canto é longo e forte: pode ser ouvido

a mais de 1 quilómetro de distância e pode durar até 2 minutos sem interrupção. O sabiá canta antes do amanhecer e do anoitecer: momentos de transição entre a luz e a escuridão.

O pássaro tecelão ou chapim-soldado é de origem africana e nidificou em algumas zonas do Território português.

Constrói um ninho em forma de bolsa, entrelaçando palhas, fibras, ervas, e outros elementos vegetais, com a precisão de uma máquina.

Os seus ninhos medem 58 centímetros de comprimento e são pendurados nos ramos mais finos das árvores.



As cigarras começaram de novo, brutas e brutas.
Nem um pouco delicadas as cigarras são.

Esquicham atarrachadas nos troncos
o vidro morno de seu peito, todo ele
chamado canto - cinzento - seco, garra
de pelo e arame, um áspero metal.

As cigarras têm cabeça de noiva,
as asas como véu, translúcidas.

As cigarras têm o que fazer,
têm olhos perdoáveis.

Quem não quis junto deles uma agulha?

-Filhinho meu, vem comer,

ó meu amor, vem dormir,

Que noite tão clara e quente,

ó vida tão breve e boa!

A cigarra abre as patas -
é no meu coração.

O que ela fica gritando eu não entendo,
sei que é pura esperança.

(Adélia Prado)

Segundo conto do Bosque Azul As aulas de vôo e a velha noqueira



"Há milagres, não há só truques"
Adília Lopes



A árvore da escola de vôo parecia ter adoecido.

Era uma enorme noqueira que fora escolhida para as aulas precisamente devido à sua altura e porte, mas também porque podia alimentar bandos e bandos com as suas ricas nozes.

Sabia-se que a noqueira era já muito velha e combativa, fazia muitos anos, um calor excessivo que então aumentava. Mas entre os animais do Bosque Azul crescia o rumor de que a grande noqueira adoeceu porque os habitantes dos seus ramos mais baixos, os recém-chegados tecelões, comiam demasiadas nozes e faziam ninhos diferentes, que pesavam demasiado sobre os seus finos ramos, curvando-se matando-os aos poucos.

Por não haver grandes alternativas, as aulas começaram a ter lugar noutras árvores. Mas em nenhuma se aprendia como na noqueira a voar.

Os pássaros que habitavam essas árvores interessavam-se pelos jovens passarinhos e, para os animar, propunham transmitir-lhes as suas mestrias.

Nos pinheiros altos, as cegonhas ensinavam-lhes a fazer ninhos.

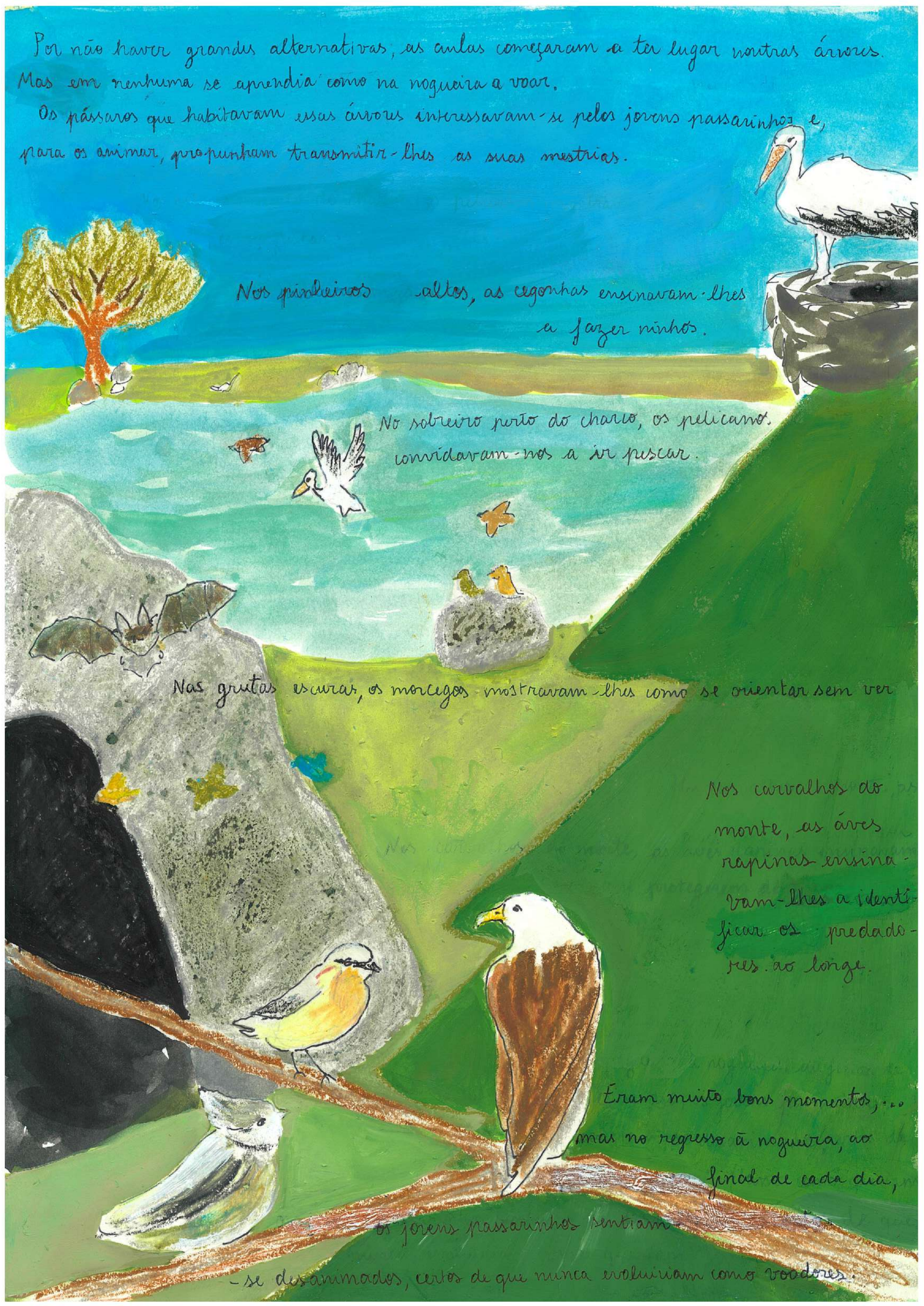
No sobreiro perto do charco, os pelicanos convidavam-nos a ir pescar.

Nas grutas escuras, os morcegos mostravam-lhes como se orientar sem ver.

Nos carvalhos do monte, as aves rapinas ensinavam-lhes a identificar os predadores ao longe.

Eram muito bons momentos, mas no regresso à noqueira, ao final de cada dia,

os jovens passarinhos sentiam-se desanimados, certos de que nunca evoluíam como voadores.



(Eclipsaster) TURN, TURN, TURN (Pete Seeger)

To ev'ry-thing turn, turn, turn there is a
sea-son turn, turn, turn and a time for ev'ry pur-
pose under hea-ven —

1. A time to be born, a time to
2. A time to build up, a time to break

die, a time to plant a time to reap, a time to kill, a time to
down, a time to dance, a time to mourn —; a time to cast away
heal, a time to laugh, a time to weep.
stones, a time to gather — stones to — gether.

2. A time of love, a time of hate, a time of war, a time of peace
A time you may embrace, a time to refrain from embracing

4. A time to gain, a time to lose, A time to run a time to sow
A time for love, a time for hate. A time for peace, I swear it's not too late

Um dia, ao final da tarde, os passarinhos regressaram à noqueira, vindos do sobribo de perto do charco. Tinha sido mais um dia de treinos de vôo falhados, que se havia transformado em dia de pesca junto dos pelicanos.



Sabiá aproximava-se.

Tinha ouvido falar do estado da velha noqueira e quisera visitá-la. Mal pousou no seu ramo sentiu a sua fragilidade...



Compreendeu a tristeza dos passarinhos...: perdiam a sua querida noqueira que os ensinava a voar.

E foi então que, em todo o Bosque Azul, ressoou um canto de sabiá.



Ouvindo o canto do Sabiá, em silêncio, os jovens passarinhos olharam, tristes, a noqueira

Um jovem chapim-de-poupa olhou para os ramos mais altos da árvore e viu que pequenos tecelões brincavam: Raspavam líquenes que invadiam aqueles velhos ramos da noqueira...! Ajudavam-na sem o saber!



Um jovem chasco-cinzento olhava para o solo sob a árvore e viu que nasciam, frescas e vigorosas, pequenas noqueirinhas, protegidas do sol abrasador pela sombra de ninhos dos tecelões! Ajudavam-na sem o saber.



O chapim e o chasco chamaram a atenção do resto dos passarinhos, e todos juntos começaram a olhar para as proezas dos tecelões. Olharam também para longe, para o charco de onde acabavam de chegar, para as grutas, o pinhal, ... lembraram aquilo que tinham vivido ao longo das semanas, ... e começaram a entender:

Na sua longa velhice, a noqueira dava lugar a novas
vidas que nela podiam fazer ninhos, sombra a plantas que sob
si se podiam enrobustecer. A noqueira não os abandonava, - ela
tinha, aliás, muito resistido por eles - mas dava a sua vida a outros lugares
e encaminhava os seus pequenos voadores para todos esses cantos do
Bosque Azul. Era ela que os havia conpiado aos pinheiros, aos sobreiros, ao charco,
à gruta escura!



E foi assim que no Bosque Azul, muitos pássaros começaram a
trocar saberes. E podiam se ver pelicanos voar no escuro, cegonhas
pescar no charco, ou aves rapinas a montar enormes ninhos.

Mãos vazias

Mãos vazias são salvavidas para tempos difíceis
Uma afecção a salvo dos especuladores

O seu vazio é uma pedra
e se observares bem ela flutua

as mãos vazias são selvagens na sua beleza
duras mesmo se vulneráveis
são o esconderijo ideal para guardares relâmpagos
e verdades ferozmente concisas

as mãos vazias esperam não o fim mas a fresta
alagadas na ferrugem
e preferem enlouquecer a acreditar
que a realidade é só aquilo que se vê

José Tolentino Mendonça

Terceiro conto do Bosque Azul O encontro dos quatro bosques

Esta é a madrugada que eu esperava
O dia inicial inteiro e limpo
Onde emergimos da noite e do silêncio
E livres habitamos a substância do tempo.
Sophia de Mello Breyner Anderson



O calor excessivo estava a alterar o grande ecossistema de Todos os bosques de cor. Foi então convocado um grande encontro entre os animais do Bosque Azul, Vermelho, Verde e Amarelo. Muitos animais puseram-se a caminho, A multidão que se reuniu era imensa.

Foram vários dias a falar das dificuldades. Eram muito semelhantes entre bosques.

Em todos eles se estavam a perder muitas das árvores antigas,



ou já

não se conseguia procurar alimento durante as horas de calor,



as vezes cações que viviam barreiras contra predadores desapareciam,



e devido a todas as mudanças muitos migravam para climas mais amenos,

e novas espécies chegavam, mas não conheciam os

bosques e nem se sabia comunicar com elas... Era muito difícil manter a ordem de antigamente, parecia que já ninguém se entendia.

E lamentaram tudo isto. E lamentaram a
que lhes poderiam mostrar o que fazer
E foi então que se ouviu um canto.

E todos os animais fecharam os olhos,

parlola das árvores antigas, árvores sábias,
como fazer...

Muito bonito, e muito

e choraram
com ele...

triste



2. We'll walk hand in hand (x3) someday

3. We are not afraid (x3) today

4. We shall live in peace (x 3) someday

E quem estivesse atento, repararia que Vinham todos do Bosque Azul.

alguns cantavam com ele.

Quando o canto terminou, um andorinhão preto pediu a palavra e sugeriu:

"Que se peça aos
passaros tecelões ajuda para criar redes
de sombra nas árvores maiores de modo a
trazer sombra e frescura às árvores
pequenas."



e depois um esquilo:

"Que se peça ajuda aos pelicanos
para transportar em seus bicos água
e regar os lugares mais secos."



e uma tartaruga:

"Que os morcegos nos ensinem
a viajar de noite - quando está mais
fresco - para procurar comida"



E ouviu-se ainda:

"Pegamos ajuda às aves
rapinas na proteção contra
predadores."



"E que se agradeça às árvores antigas
a sabedoria que não levaram consigo mas que
deixaram aqui, entre nós."

Uma pequenina luz bruxuleante
Não na distância brilhando no extremo da estrada
Aqui no meio de nós e a multidão em volta
Une toute petite lumière
Just a little light
Uma pequena em todas as línguas do mundo

Uma pequena luz bruxuleante
Brilhando incerta mas brilhando aqui no meio de nós
Entra o bafo quente da multidão
A ventania dos céus e a brisa dos mares
E o sopro agudo dos que a não vêem
São a acaloram e raiosamente assopram

Uma pequena luz, que vacila exacta
Que bruxuleia firme, que não ilumina, apenas brilha
Chamaram-lhe voz, ouviram-na e é muda
Muda como a exactidão, como a firmeza, como a justiça
Brilhando indefectível
Silenciosa não crepita
Não consome não custa dinheiro
Não é ela que custa dinheiro
Não aquece também os que de frio se partam
Não ilumina também os rostos que se curvam
Apenas brilha, bruxuleia ondeia
Indefectível, próxima dorada

Tudo é incerto, ou falso, ou violento: Brilha
Tudo é terror, vaidade, orgulho, ternosia: Brilha
Tudo é pensamento, realidade, sensação, saber: Brilha
Desde sempre, ou desde nunca, para sempre ou não: Brilha

Uma pequenina luz bruxuleante e muda
Como a exactidão como a firmeza, como a justiça
Apenas como elas
Mas brilha
Não na distância. Aqui
No meio de nós
Brilha

Jorge de Sena, 'Uma pequenina luz'

Sabe o que é um livro cartonero?

A história das editoras cartoneras começa com um toque de fábula trágica. Era uma vez um país abaixo da famosa linha do Equador mergulhado em mais uma das suas costumeiras crises cíclicas. É o contexto no qual emerge a primeira editora cartonera do mundo; hoje calcula-se que funcionam mais de 150 no mapa do planeta.

Criadas por pequenos grupos de pessoas ligadas ao fazer literário e cultural, em certos casos também a coletivos com preocupações sociais e políticas, as editoras cartoneras funcionam muitas vezes como propostas de intervenção para lançar vozes e linguagens de sujeitos sempre silenciados, para tornar a escrita e a leitura práticas de maior incidência na vida quotidiana, sobretudo entre setores que historicamente estiveram à margem da cultura letrada.

Estes livros levam-nos para o mundo da economia solidária e das alternativas económicas, mas sobretudo para a área da democratização do livro. São fabricados - em parte - de modo artesanal e as suas capas são de cartão reutilizado, fazendo com que cada livro seja um exemplar único.

Este livro cartonero foi criado manualmente. É um exemplar único.

A sua encadernação e edição foi realizada em Lisboa, ao longo dos meses de junho e julho de 2025.

"Um homem que cultiva o seu jardim, como queria Voltaire.

O que agradece que na terra haja música.

O que descobre com prazer uma etimologia.

Dois empregados que num café do sul jogam um silencioso xadrez.

O que premedita uma cor e uma forma.

O tipógrafo que compõe bem esta página, que talvez não lhe agrade.

Uma mulher e um homem que leem os tercetos finais de certo canto.

O que acarinha um animal adormecido.

O que justifica ou quer justificar um mal que lhe fizeram.

O que agradece que na terra haja Stevenson.

O que prefere que os outros tenham razão.

Essas pessoas, que se ignoram, estão a salvar o mundo."

"Os justos", Jorge Luis Borges.

Saiba mais sobre a Pachamama Editora Cartonera em www.sinergiased.org

